

Sete poemas para dias de sol e de chuva

Miriam Silvia Schuartz

Pelo ouvido, penetraremos a invisibilidade das coisas.

Edmond Jabès

Edmond Jabès nasceu no Cairo, em 1912. Filho de pais judeus de classe média e de origem italiana, recebeu educação francesa, e escolheu o francês como a língua de seus escritos. Suas primeiras publicações, em pequenas editoras e jornais literários da França e do Egito nos anos 30, revelam a influência de Mallarmé, Paul Elouard e Max Jacob (este último mentor intelectual de Jabès até sua morte num campo de concentração em Drancy, em 1944).

Durante a guerra, Jabès trabalhou para os ingleses na Palestina, o que o afastou dos eventos históricos catastróficos que aconteciam ao seu redor. Já de volta ao Egito, visitava Paris regularmente, cultivando amizade com os escritores René Char, Henri Michaux, o poeta Paul Celan, Camus e Gabriel Bounoure, que se tornaria um de seus principais interlocutores.

Depois da crise de Suez, os nacionalistas egípcios, sob o governo de Nasser, tornaram praticamente insustentável a permanência dos judeus no país e, em 1957, Jabès se exila em Paris. Ele jamais retornou ao Egito, tornando-se cidadão francês em 1967. Em 1959, Jabès publicou pela Gallimard, por insistência de Camus, os poemas escritos no Egito sob o título *Je batis ma demeure*. Esse volume sedimentaria o caminho para os grandes livros que viriam a seguir. Em 1963, foi publicado o *Le Livre des questions*, o primeiro de uma série de livros que gradativamente formariam o corpo central da escritura jabetesiana.

É na situação de judeu exilado que Jabès escreve grande parte da sua obra: entre o *Le Livre des questions*, divisor de águas da produção do escritor, até o *Le Livre de l'Hospitalité*, publicado postumamente, estão os mais de 15 volumes¹ que constituem, segundo ele, um só livro em torno de palavras-chave que pertencem ao campo semântico associado ao exílio, à errância e à morte.

*Petites poésies pour jours de pluie e de soleil*² é o único título de Jabès dedicado ao público infantojuvenil. Publicado inicialmente em 1991, ano de sua morte, o conjunto de dez poemas retoma os temas caros ao autor em seus livros, como o silêncio, a solidão, a solidariedade, a morte. Minha tradução contempla sete poemas desse conjunto.

O universo mágico, alegre e pleno de correspondências que habitualmente encontramos nos poemas infantis, cai de tom em *Petites poésies*. Ainda que falem de bichos, plantas e figuras mitológicas, os textos são quase todos alegóricos e evocam questões existenciais e sentimentos normalmente excluídos da temática infantil, como a morte ("A menina e a boneca"); a solidão e o vazio ("Solitude"); o exílio e a exclusão ("A minhoca"); o desencontro ("A libélula e o caracol"); a melancolia ("O corvo e o cordeiro").

Por outro lado, o diálogo, o questionamento e a ironia, características do movimento constante de abertura que Jabès instaura em todos os seus textos, também estão presentes nesse pequeno livro. Tudo isso faz com que o trabalho de tradução não se atenha ao contexto dos poemas infantis, mas se abra ao cenário da grande poesia praticada por Jabès ao longo de três décadas de produção literária.

Não me preocupei, neste trabalho, em definir estratégias de tradução, mas minha prática aproxima-se das anotações de Laranjeira (2003) e Meschonnic sobre a existência de uma poética do traduzir. Considero, com Laranjeira, a fidelidade ao texto fonte como algo dinâmico, dialético: a "fidelidade em tradução poética será a resultante de um trabalho operado nos níveis semântico, linguístico-estrutural e retórico-formal, integrados todos no nível semiótico-textual onde se dá a significância" (2003, p. 125). Por outro lado, procurei, na medida do possível, trabalhar rente ao texto de Jabès e, seguindo o conselho de Meschonnic (2010), ouvir o tex-

¹ Os livros de Jabès jamais foram editados no Brasil.

² JABÈS, Edmond. *Petites poésies pour jours de pluie et de soleil*. Paris: Gallimard Jeunesses, 2001.

to, deixar-me levar pelo ritmo sugerido pela leitura, pois o poema é um discurso vivo, não uma ocorrência de um sistema. Não se deve traduzir o texto procurando seu sentido - afirma o crítico - é preciso ouvir a obra:

Entendo o ritmo como a organização e a própria operação do sentido no discurso. A organização (da prosódia à entonação) da subjetividade e da especificidade de um discurso: sua historicidade. Não mais um oposto do sentido, mas a significação generalizada de um discurso. (tradução de Jerusa Pires Ferreira e Sueli Fenerich)

Nesse aspecto, busquei ser fiel aos movimentos rítmicos do texto, observando a métrica e os volteios da sintaxe jabetesiana, que abusa dos **enjambements** e das inversões sintáticas, muitas vezes usadas a serviço de frear o fluxo da leitura e fazer pensar.

Outro ponto central da escrita jabetesiana que norteou meu trabalho de tradução foi a arte combinatória (principalmente das consoantes) constantemente utilizada por Jabès em todos os seus textos. Há que se observar, na tradução de Jabès, o movimento aleatório das letras no interior das palavras que parecem se abrir formando palavras novas, a partir do recurso do anagrama e da paronomásia. Daí decorre minha opção de abrir mão, em alguns momentos, de buscar o sentido mais exato da palavra e priorizar a materialidade da letra, em suas múltiplas combinações.

Traduzir Jabès é, de certa forma, ouvir o invisível, tocar o vazio e organizar o aleatório, ocupando um espaço de ausência paradoxalmente impresso nas lacunas e silêncios do texto. É, sobretudo, participar dessa magia combinatória das letras e sons de onde brotam as palavras do livro e do mundo. Os bichos, as plantas, os seres imaginários, assim como o escritor e o tradutor, são solidários nesse movimento constante da linguagem que, para Jabès, é tudo o que existe.

Pequenos poemas para dias de chuva e de sol

L'arbre volant

Que les bois aient des arbres,
Quoi de plus naturel?
Que les arbres aient des feuilles,

Quoi de plus evident?
Mais que les feuilles aient des ailes,
Voilà qui, pour le moins, est surprenant.
Volez, volez, beaux arbres verts.
Le ciel vous est ouvert.
Mais prenez garde à l'automne, fatale
Saison, quand vos milliers et milliers d'ailes,
redevvenues feuilles,
tomberont.

A árvore voadora

Que bosques tenham árvores,
O que é mais natural?
Que árvores tenham folhas,
O que é mais evidente?
Mas que as folhas tenham asas,
Isto é, no mínimo, surpreendente.
Voai, voai, belas verdes árvores
para o céu aberto.
Mas cuidado com o outono, estação
fatal, quando tuas milhares e milhares de asas,
feito folhas,
cairão.

Le géant

Il y avait, dans se coin du monde,
Un homme grand, très grand;
Si haut de taille qu'on ne voyait pas sa tête;
Se transparent, qu'on ne voyait pas son corps.
Seuls ses pieds nus défiaient les regards.
Un jour il disparut. Et les gens de l'endroit
décidèrent de le suivre. Jusqu'où? on ne le sut jamais.
La terre était trouée de toute part
mais nulle trace de vie n'était décelable.

De temps en temps, au-dessous des arbres secs,
le passage d'un vautour, détourné de sa route,
donnait, au paysage, sa véritable physionomie
celle d'un monde insolite, où l'on ne chante pas,
où l'on ne chante plus, ni danse, ni...ni...

O gigante

Havia neste canto do mundo
um homem grande, muito grande.
Tão alto que não se via sua cabeça.
Tão transparente que não se via seu corpo.
Só seus pés nus afrontavam o olhar.
Um dia ele sumiu. E o povo do lugar
resolveu segui-lo. Até onde? Não se soube jamais.
A terra, por todo lado devastada,
não revelava qualquer traço de vida.
Ocasionalmente, sobre as árvores secas,
a passagem de um abutre errante
emprestava real fisionomia à paisagem,
a de um mundo insólito, onde não se canta,
onde não se canta mais, nem se dança, nem... nem...

Le mouton et le corbeau

Un jeune mouton
tout blanc, tout blanc
et un vieux corbeau
tout noir, tout noir
devisaient sagement
dans un pré accueillant.
"Je rêve d'avoir des ailes
comme toi, dit le mouton.
Je pourrais à volonté
me rouler dans le ciel
sans crainte, ni surprise."

"Moi, dit le corbeau, je hais
le ciel pour trois raisons.
D'abord il est vide et trop haut,
ensuite parce que, les plus suivant,
il est couvert d'épais nuages
et, enfin, parce qu'aucun oiseau
ne peut s'y tenir debout.
Veux-tu savoir de quoi je rêve?
D'un tendre fromage de chèvre."
Et, sans un mot d'adieu, s'envola
vers le vaste pays de l'oubli,
un pays d'air, de vent, de neige, de pluie
mais aussi de soleil, à ses meilleurs moments.
Abandonnant le mouton, tout interdit,
à son champ délimité, aux couleurs
de paresse et de mélancolie.

O cordeiro e o corvo

Um jovem cordeiro
todo branco, todo branco
e um jovem corvo
todo negro, todo negro
filosofavam no sossego
de um prado acolhedor.
"Sonho ter asas
como tu, diz o cordeiro.
Poderia rodopiar no céu
à vontade,
sem medo ou surpresa."
"Eu, diz o corvo, odeio
o céu por três motivos.
Primeiro, ele é vazio e muito alto,
depois porque, quase sempre,
está coberto de nuvens espessas
e, enfim, porque nenhuma ave
nele se sustenta.

Você quer saber o que desejo?
Um tenro pedaço de queijo".
E, sem uma só palavra de adeus, alçou voo
para a vasta terra do esquecimento,
uma terra de ar, de neve, de chuva e de vento,
e também de sol, em seus bons momentos.
Abandonando o cordeiro, todo interdito,
ao seu campo restrito, nas cores
da preguiça e da melancolia.

Le ver de terre

Une perle noire ou blanche.
Deux petits pois verts et ronds.
Trois oiseaux sur la branche,
Un ver de terre humilié.

Pauvre ver, couvert de terre humide
L'oiseau vole très haut dans les cieux.
Le petits pois roule autour du monde.
Mais toi, tu rampes à nos pieds,
Si lentement, si discrètement que
L'univers et nos yeux, pourtant, ouverts,
Ne t'accorderont jamais la moindre attention.
Un jour, par mégarde, un homme t'écrasera.
Un jour, prends garde, un oiseau te dévorera.

A minhoca

Uma pérola negra ou branca.
Duas ervilhas verdes, redondas.
Três pássaros no galho,
Uma minhoca humilhada.

Pobre minhoca, coberta de terra molhada.
O pássaro voa alto nos céus.

A ervilha rola ao redor do mundo.
Mas tu, rastejas a nossos pés,
tão lenta, tão discreta que
o universo e nossos olhos, mesmo abertos,
Jamais te darão a menor atenção.
Um dia, por descuido, um homem te esmagará.
Um dia, te cuida, um pássaro te devorará.

Le langage des bêtes

Pour parler aux chats,
il faudrait apprendre
le langage des chats
et le langage des chiens
pour parler aux chiens.
Ainsi, pourrions-nous
mieux les comprendre
et les apprécier davantage.
Et, peut-être, qui sait?
les aider à moins se détester.

Mais ne t'avise pas,
à parler au lion,
le langage du lion.
Ni au tigre,
le langage du tigre.
Tu risquerais la vie.
Tant pis. Tant pis. Tant pis.
Ces animaux, nul ne l'ignore,
sont plus cruels que bavards.

A linguagem dos bichos

Para falar aos gatos
é preciso aprender
a linguagem dos gatos

e a linguagem dos cães
para falar aos cães.
Assim, podemos melhor
compreendê-los e gostar
deles ainda mais.
E talvez, quem sabe?
Ajudá-los a se odiarem menos.
Mas não te arrisques
a falar ao leão
a linguagem do leão.
Nem ao tigre
a linguagem do tigre.
Correrias risco de vida.
E daí? E daí? E daí?
Esses bichos, ninguém duvida,
são mais cruéis que tagarelas.

La libellule et le colimaçon

Une libellule s'était
entiché
d'un timide colimaçon.
"Mon aimé si gracieux
avec de petites cornes
pour porter les yeux",
lui disait-elle.
Mais qui peut entendre
les paroles d'une libellule?
Certainement pas
un colimaçon
qui, de surcroît,
a mauvaise vue.

A libélula e o caracol

Uma libélula andava
louca

por um tímido caracol.
"Ó tão gracioso amado,
com seus chifrinhos
trazendo um olho de cada lado",
ela lhe dizia.
Mas quem é que entende
a conversa de uma libélula?
Certamente não
um caracol
que, de quebra,
enxerga mal.

Solitude

Une parole sans musique
Une musique sans paroles
Une parole de silence
Un silence sans parole.et puis
rien, vraiment
plus
rien.

Solitude

Uma palavra sem música.
Uma música sem palavras.
Uma palavra de silêncio.
Um silêncio sem palavra.
E depois nada,
absolutamente
nada.

Referências

LARANJEIRAS, Mário. *Poética da tradução: do sentido à significância*. São Paulo: EDUSP, 2003.

MESCHONNIC, Henri. (1999). "Ritmo e tradução" in *Poética do traduzir*. São Paulo: Perspectiva, 2010. Tradução de Jerusa Pires Ferreira e Sueli Fenerich.